

A DETERMINAÇÃO IDEOLÓGICA NA FORMAÇÃO DO SUJEITO E DOS SEUS PRODUTOS

Romário Victor Lima de Brito¹
Izabelle Oliveira Bezerra de Lima²

RESUMO

O presente trabalho visa tratar de um conjunto de teses que expandem o entendimento de temas vinculados a filosofia da linguagem, as formas de subjetivação, a relação discurso/ideologia e a constituição do ser-sujeito por vias discursivas. A abordagem metodológica assumida dedica-se a relacionar o método materialista histórico-dialético junto a dadas temáticas próprias do âmbito da filosofia da linguagem. Nesse sentido, partimos de autores como Marx (2019), Volóchinov (2021), Bakhtin (2016), Pêcheux (2014), Orlandi (2015), Althusser (2022) e Foucault (2014) em direção a uma reformulação das possíveis formas de compreensão da subjetivação, além de caminhar em vias de tratar de dados pontos críticos às noções que insistem em vincular o sujeito, de acordo com a definição de Althusser (2022), com certos espaços de produtores de subjetividade que se mostram internos e inalcançáveis quando assume a forma de inconsciente, isto é, completamente intangíveis ou apenas inexistentes.

Palavras-chave: Sujeito; Discurso; Ideologia.

IDEOLITICAL DETERMINISM IN THE FORMATION OF THE SUBJECT AND THEIR PRODUCTS

ABSTRACT

This paper aims to address a set of theses that expand the understanding of topics related to the philosophy of language, forms of subjectivation, the discourse/ideology relationship, and the constitution of the subject-being through discursive means. The methodological approach adopted is dedicated to relating the historical-dialectical materialist method to specific themes within the scope of the philosophy of language. In this sense, we draw on authors such as Marx (2019), Volóchinov (2021), Bakhtin (2016), Pêcheux (2014), Orlandi (2015), Althusser (2022), and Foucault (2014) to reformulate possible ways of understanding subjectivation, as well as addressing critical points in notions that insist on linking the subject, according to Althusser's (2022) definition, with certain spaces of producers of subjectivity that prove to be internal and unattainable when they take the form of the unconscious, that is, completely intangible or simply non-existent.

Keywords: Subject; Discourse; Ideology.

INTRODUÇÃO

¹Graduando em Psicologia pela Uniesp. Pesquisador da área de Psicologia Social sobre os estudos do papel da Ideologia sobre as tomadas de decisão.

²Graduanda em Psicologia pela Uniesp. Pesquisadora da área de Psicologia Jurídica com ênfase nos estudos acerca dos Comportamentos desviantes.

"A produção de ideias, de representações, da consciência, está, inicialmente, entrelaçada diretamente na atividade material e no intercurso material dos homens, a linguagem da vida real."

(Marx, 2019, p. 20)

"A consciência individual é um fato social e ideológico."

(Volóchinov, 2021, p. 97)

No mais simples cotidiano, pessoas comunicam-se, geram e exteriorizam constantemente diálogos que são, em suma, interações direcionadas a um fim explícito ou implícito. O indivíduo, esse ente generalista que representa os diversos homens e mulheres que compõem o mundo, está em ininterrupto contato social, como o filho com sua mãe, o professor com o aluno, o psicoterapeuta com o paciente e assim em diante. Muito curioso é então, pensar na existência desses seres mencionados, pois este existir sempre se vincula a um outrem externo, para uma mãe existir se faz necessário um filho ou filha, para um professor existir demandam-se alunos da mesma forma que um psicoterapeuta necessita de pacientes ou clientes para ser considerado como tal. Nesse sentido, a existência dessas pessoas enquanto ao que elas próprias são se encontra localizado num espaço externo a elas. Assim, a partir dessa exposição, poderemos abordar uma série de conceitos que são complexos numa primeira vista, mas que serão comprehensíveis ao longo do texto.

Ao se perceber o mundo, é necessário notar que isso não é exatamente um processo direto e objetivo, a pessoa que o percebe sempre partirá de um ponto já dado e nunca de um zero absoluto. Quando alguém exprime sua opinião sobre um dado tema, é admissível pensar que tal pessoa terá formado seu ponto de vista através de uma série incontável de vivências anteriores internalizadas sob a forma de percepções sentidas e mantidas num ambiente à primeira vista interior, acessíveis de uma forma simbólica, verdadeiros signos passíveis das mais dispare significações, por vezes até incongruentes com o que de fato foi apreendido. Assim, retomando a origem etimológica do termo, adotemos o signo como a representação da internalização de algo, perceptível somente na exteriorização daquele que o mantém e, desse modo, a forma com que o mundo é tratado e apreendido.

Visando explorar neste trabalho o âmbito linguístico, que tem como um dos seus objetos o signo, notemos então que estes possuem diferentes conceituações que vão a depender de quem os aborda. Nesse viés, seria o signo, para Saussure

(2006), um dos pais da linguística como um ramo das ciências positivistas, uma integração de um dado conceito com uma imagem acústica, sendo então nas palavras do próprio autor a junção de um *significante* com um *significado*. Já em antagonismo a tal ponto, nota-se uma abordagem que conceitua as diversas sociabilidades em questão do que a mera formação que se dá unicamente através da junção de dois elementos. Esta abordagem é representada aqui por Volóchinov, aquele que conceitua e aprofunda o assunto ao apontar que “um objeto físico é transformado em signo”, mas nem por isso deixa de “ser uma parte da realidade material” e então passa a deter a propriedade de “refratar” e “refletir” as determinações de uma “outra realidade”. Nesse sentido, o homem apreende e comprehende a materialidade tão unicamente através dos signos e do que eles simbolizam, suas significações (Volóchinov, 2021, p. 92).

Imagine, pois, duas pessoas conversando: Uma pessoa A interpela a pessoa B que então poderá responder verbalmente ou não verbalmente em caso de silêncio. O contato entre estes dois seres não é apenas um mero ato de socialização, existe dois mundos sendo confrontados por meio do diálogo. A pessoa A, através dos diversos signos já apreendidos, que a formaram e ainda a formam enquanto sujeito, são postos em uso devido a serem justamente a partir deles que os discursos partirão em direção a pessoa B. Contudo, ressalta-se que o que se é dito segue em direção a alguém contendo um determinado conteúdo e visando um determinado objetivo.

Para tornar mais didático o ponto exposto, tomemos quando alguma pessoa por um acaso é exigida a se posicionar sobre determinado discurso polêmico, usemos a temática do aborto como exemplo. O indivíduo tenderá a ressaltar seu ponto através de uma diferenciação de posição em questão ao que ele se considera antagônico, pode ser dito algo como “eu sou a favor da vida” ou “aborto é assassinato”, citações comuns nesse tema abordado. Vejamos o primeiro enunciado dito: “Eu sou a favor da vida”, nesse caso, a uma primeira vista já se é possível perceber que o que se foi enunciado, foi através de palavras, o que para Volóchinov é tanto “o mais representativo e puro” dos signos, quanto um símbolo “neutro”, um signo “*par excellence*”. Já a uma segunda vista, visando uma análise do que se foi dito, observemos o quanto curioso é a forma em que ocorre a organização dos termos: Começa-se com um pronome pessoal indicando quem seria o sujeito do enunciado, o

eu, junto ao verbo ser que é estranhamente acompanhado de um predicado propriamente político, o ser a favor de algo.

Quando remetemos aqui a uma noção de estranhamento, é quanto ao fator que por vezes se escapa da visão daquele que diz algo: o sujeito, pois o quanto estranho não é pensar em alguém que, através do uso do verbo “ser”, tenda a sintetizar toda a sua existência material ao seguinte predicado dito. É raro vermos alguém dizer “eu estou a favor da vida”, sendo assim a escolha do verbo “ser” indica então o escopo de um processo que haveremos de abordar posteriormente, o “se fazer sujeito” ou *assujeitamento*. Numa terceira observação, ainda é possível enxergar que essa determinada pessoa teria feito uma associação de duas expressões discursivas distintas, o ser contra o aborto e o ser a favor da vida. Esse efeito de metáfora marcado aqui pelo pensamento exposto por Orlandi (2015), de que o sentido reside sempre em uma outra palavra, é primordial para pensarmos na construção do sentido dos discursos. Pensaremos então na escolha das palavras (signos neutros por excelência) como sendo guiadas por um conjunto de discursos que já foram ditos e absorvidos por esse sujeito, afinal o que se é dito apenas possui sentido no confrontamento com um outro algo que também já foi dito (Orlandi, 2015). Contudo é necessário observar que a forma com que o sujeito anteriormente aqui tratado significou duas expressões discursivas diferentes como semelhantes, é algo regido e administrado pelas efetivações dos âmbitos da ideologia, uma ideologia que está muito além de apenas ser um amplo conjunto de ideias que perpassam uma comunidade, mas algo que se realiza e efetiva em aparelhos concretos, como aqueles pensados por Louis Althusser (2022) na obra *Aparelhos ideológicos de Estado*.

Penso agora ser possível, já tendo introduzido essa ampla gama de conceitos, expor um conjunto de proposições que viabilizem uma melhor compreensão do leitor ou leitora:

Primeiramente, os discursos não possuem início e nem fim, mas constroem-se através de repetições (paráfrases) de sentidos onde ocorre por vezes pequenos acréscimos derivados das formas que os indivíduos concretos são interpelados em sujeitos concretos. O interdiscurso é o que “disponibiliza dizeres” que haverão de exercer um peso determinante nas formas futuras que os sujeitos irão significar expressões discursivas dadas (Orlandi, 2015, p. 29). Nesse sentido, “não

haveria, portanto, começo” e o sujeito seria para o discurso como que uma “estreita lacuna” no “acaso de seu desenrolar” (Foucault, 2014, p. 6).

Segundamente, o sujeito concreto surge da interpelação de um indivíduo concreto pela ideologia, esse processo de interpelação então ocorre por vias discursivas e é apreendido pelo sujeito de forma sínica. Assim sendo, partimos aqui para uma concepção que se baseia nas noções de Pêcheux (2014), em relação a formação do *intradiscurso* (o dito de forma interna) ser uma interioridade em grande parte determinada pelo exterior, e a abordagem de Volóchinov (2021, p. 138) que explicita o fato de que a “vivência psíquica é o interior que se torna exterior” da mesma forma que “a consciência se forma e se realiza no material sínico”.

Por fim, a ideologia possui instâncias de existência que são passíveis de serem estudadas a partir de um dado ponto referencial, que é a concretude material. Tomando o proposto por Althusser (2022, p. 103), fica claro que apenas “há prática através de e sob uma ideologia”, sendo necessário assumir, portanto, a existência de uma *práxis ideológica* que é acometida completamente da materialidade no seu sentido mais tangível e concreto. Já ao observar Volóchinov (2021, p. 93), o mesmo se encaminha por estabelecer que “tudo o que é ideológico possui significação sínica”, sendo viável presumir uma ideologia que alcança e habita os meandros da significação das vivências comumente sentidas. É necessário pois estabelecer espaços de existência dessa ideologia que contemple suas diversas *habitações*.

Existem ainda outras diversas pensatas que serão abordadas no trabalho a seguir, sendo então necessário que o leitor sempre tenha em mente que partimos aqui de uma abordagem materialista e que levará em consideração a historicidade e as contradições visíveis em nossos objetos de estudo, que são o sujeito, o discurso e a ideologia. Objetivamos então, introduzi-lo numa abordagem que o leve a enxergar teses que terão o objetivo comum de justificar o ponto geral do trabalho, que é visar a subjetividade (por esse termo digo aquilo que torna o “eu” único) como não algo interno, mas presente de maneira analítica e observável no “exterior” da forma sujeito. Do mesmo modo pretendemos introduzir que essa mesma noção não deve ser tratada como aquilo que viabilize a separação do indivíduo para com o coletivo, pois por mais que exista esse prejulgamento de que existem aí dois objetos diferentes, é tão somente isso, um prejulgamento. Nesse sentido, vejamos como o indivíduo se faz

sujeito pela interpelação discursiva, e não somente isso, mas também o que existe ao seu redor que o faz sujeito, suas práticas.

O SUJEITO, AQUELE QUEM DIZ E DE QUEM SE É DITO

“Gostaria de perceber que no momento de falar, uma voz sem nome me precedia há muito tempo [...].” (Focault, 2014, p. 5)

Nesse tópico inicial, faz-se necessário realçar a base analítica do trabalho no tocante aos objetos abordados. O sujeito então é agora o ponto referencial que demarca tanto o início quanto o fim de um processo. O discurso, e por conseguinte a ideologia, trabalham por gerar sujeitos, contudo, são eles também frutos diretos ou indiretos desses mesmos seres. Não se busca então generalizar todos os processos de formação dos diversos discursos que circundam uma dada sociabilidade, mas propor uma visão que, ao menos nesse momento, contemple o sujeito como base para pensar todo o resto.

Karl Marx, logo ao término do primeiro capítulo do segundo volume de *O Capital*, traz à tona um desenvolvimento do que ele já havia proposto em seu primeiro volume, uma visão ampliada do ciclo do capital monetário caracterizada pelo que considera ser uma análise de seus momentos. Nessa lógica, Marx dedicou-se a explicá-lo por vias em que suas determinações mais materiais pudessem permitir que se contemplasse o objeto inteiro, o ciclo completo. Essa forma de enxergar um processo tão vasto permite que seja feita uma análise material de algo que por vezes é tão amplo e espaçado que dificulta seu exame. Algo semelhante é aqui proposto, para exemplificar o entendimento de que o sujeito está disposto na posição de ponto referencial, isto é, num ciclo com vários elementos tão intrinsecamente indissociáveis, o sujeito é um *momentum* desse.

Em nível conceitual, e buscando uma definição clara, partimos de Althusser (2022, p. 107) quando ele cita que “toda ideologia interpela os indivíduos concretos enquanto sujeitos concretos”, nesse sentido, o sujeito é resultado do interpelar feito por uma ideologia por vias que claramente remetem ao campo da linguagem, pelo uso do vocabulário interpelar. O sujeito não se constitui sozinho, contudo, como fruto de uma prática, a de reconhecimento-identificação feito por um outrem (Pecheux, 2014). Além disso, outra observação a ser feita é que se torna perceptível que o autor, ao apontar

para toda ideologia, quis implicar na existência de mais que apenas uma ampla e única ideologia, um campo das ideias que permearia as relações sociais e que consistiria intrinsecamente a um valor negativo, como aquele visado por Marx na sua obra *A Ideologia Alemã*.

A ideologia, enquanto vocábulo, carrega diversas significações por ser já algo abordado por tanto tempo e autores diferentes, nesse sentido, é possível ir desde a uma observação negativa que a considera como falsa consciência e inversão da realidade feita por Marx (2019) até uma visão que a abarca como existente materialmente e efetivada em aparelhos estatais, visada por Althusser (2022).

Nesse presente momento, é importante notar que por mais que partamos de Althusser para pensar o sujeito e aquilo que o rodeia, não negamos a ideologia em contrapartida a outros diversos pensadores, apenas concluímos que tal autor em especial consegue entregar um enfoque didático desse tema enquanto tendo se encontrando na realidade material e concreta.

Retornando ao já proposto, a análise do capital realizada por Marx está aqui para basear uma abordagem do sujeito, esse ser que, ao ser tornado como tal pela ideologia, é direcionado a comportar-se em vias que permitem sempre a reprodução dos modos de produção já dados, pois “ao produzir seus meios de subsistência, os seres humanos indiretamente produzem sua própria vida material”, e, portanto, a ideologia e suas “correspondentes formas de consciência perdem”, em relação a materialidade, “qualquer aparência de independência” (MARX, 2019, p. 13, 21). Nesse sentido, ao ocorrer a interpelação do indivíduo concreto em sujeito concreto, é possível de atribuir nisso novos elementos que aprofundam o processo. A ideologia interpela o sujeito, mas, mesmo sendo ela material, precisa de elementos que a torne viável à interpelação e, portanto, o controle sobre o ser e o se fazer sujeito por vias da comunicação (entenda-se a linguagem), é, pois, então possível de concluir que o elemento que melhor se encaixa nessa descrição é o discurso, aquilo que se é dito visando tanto um ato comunicativo quanto, pelo que nele está contido, um reconhecimento/identificação através da ideologia.

Tomando, portanto, esse já exposto, conclui-se na interpelação um ato inscrito nas formas do reconhecimento de um ser sujeito em dado espaço que associa-se ainda a uma forma de identificação entre iguais, pois num diálogo, assumindo a presença do locutor e do interlocutor, aquele que diz e aquele para quem se é dito,

percebe-se sempre um ato de ambivalência implicativo de um perpétuo movimento da primeira e da segunda pessoa do discurso; o eu é, à primeira vista, interpelado por um dito presente interiormente que, ao serem escolhidas as formas com que será falado, traz à tona discursos anteriores ao presente momento, seria como se o próprio sujeito interpelasse a si mesmo de forma supostamente voluntaria com o conteúdo sínico-ideológico de discursos já ditos e, nesse sentido, ao ser interpelado e se tonar sujeito, torna-se viável que ele reconheça em outrem, um igual a si, pois presumindo que o se fazer sujeito aconteça encaminhado pela interpelação e seu conteúdo ideológico, pode ser pensado o surgimento do sujeito nessa práxis que implica em um já-sujeito reconhecendo em um outro, um indivíduo concreto, como sujeito concreto igual a si.

Em outras palavras, apenas aqui separamos em partes um processo já amplamente discutido pelos autores que tratam da análise do discurso, tomando de Althusser as bases para se pensar a interpelação e de Pêcheux o âmbito do reconhecimento/identificação, descrevo um *momentum* pertencente a um ciclo maior que contempla os efeitos da ideologia nos discursos ditos e como serão eles falados por sujeitos. Descrevemos então nada mais que o surgimento da categoria sujeito no âmbito da linguagem, e, portanto, da comunicação cotidiana. Pensando numa melhor explicação, separemos o que já se foi dito em dois tópicos para uma facilitada apreensão:

Primeiro, a partir do que o indivíduo concreto já apreendeu dos discursos em outros atos comunicativos, e em como ele fará as escolhas do que dizer pensando nesses vocábulos limitados por suas vivências significadas interiormente, ele acabará por interpelar a si mesmo em sujeito antes mesmo de dizer ou expressar tal conteúdo, devido a esses discursos possuírem um conteúdo propriamente ideológico e esse indivíduo possuir formas de ver o mundo moldadas por outros complexos ideológicos já estabilizados nos seus discursos internos (Volóchinov, 2021).

Segundo, nesse sentido, sendo esse indivíduo um já-sujeito, poderá ele interpelar outros indivíduos também em sujeitos concretos, provocando-lhes o mesmo que ocorreu neles, uma interpelação interna que partirá por sua vez de conteúdos sínicos e ideológicos (ou seja, discursivos) diferentes, característicos do “interior” desse sujeito interpelado.

O sujeito, entendido dentro do espaço da linguagem, será sempre o eu, aquele quem enuncia ou de quem se enuncia sobre, que é sempre interpelado, sendo este o caminho para que se interpele também um outro. No sujeito reside esta dinâmica marcada pelo ser (identificar-se como tal) e, ao reconhecer um outro num diálogo como igual, o deixar de ser (por perder temporariamente ou não a posição do eu no enunciado).

Tendo explicitado esses tópicos, introduzimos a necessidade de um duplo entendimento do que se deve ser considerado como interpelação, pelo motivo de que se é a ideologia quem interpela os indivíduos concretos em sujeitos concretos e esse ato é realizado através de todo um campo de possibilidades discursivas pertencentes a dadas formações, é possível concluir que o se fazer sujeito é um processo que primeiramente é realizado internamente por vias dos discursos internos apreendidos pelo indivíduo e de forma secundária, abordada por pensadores como Althusser, na práxis da comunicação propriamente dita. As bases para se pensar num interpelar que ocorre através de discursos significados de maneira interna, mas adquiridos sempre externamente, advém daquilo já abordado na obra de Volóchinov (2021).

O autor especificado conclui que se um “signo só pode surgir em um território interindividual” e completamente abarcado na ideologia, “a vivência, até mesmo para a própria pessoa que a sente, só existe no material sígnico”, e, portanto, ideológico (Volóchinov, 2021, p. 96-120). Essa vivência, apreendida e posteriormente relembrada através do signo, faria parte progressivamente da consciência individual considerada como um “fato social e ideológico”, realizada “no material sígnico criado no processo de comunicação social de uma coletividade organizada” e, em última instância, marcada pelo discurso interior. Todas essas noções ficam claras no ponto em que se perceber que “a vivência psíquica é o interior que se torna exterior” e “o signo ideológico é exterior que se torna interior” (Volóchinov, 2021, p. 97-98).

O que se entende por subjetividade é de certa forma desmisticificada enquanto um conteúdo tão somente interno e singular. Um sujeito, pertencente a dada realidade ideológica (por consequência, sígnica) é tão igual quanto qualquer outro sujeito e não possui qualquer caráter que o torne único que não seja pelo perceptível por meio da linguagem. Um sujeito, numa relação de diálogo e comunicação, só o é como tal ao assumir o eu, quando for aquele que enuncia ou que se é reconhecido como tal pelo seu interlocutor. Toda forma que se pode entender como *sui generis*

desse ser, como subjetiva, foi adquirida externamente de um ou vários outros, dessa forma, é realmente possível insistir na existência de algo verdadeiramente único e próprio a ele? Não será que de alguma forma ele não é parte constituinte de dada formação ampla de sujeitos que se baseiam em discursos que são de certa forma iguais, mas apreendidos e aprendidos de maneiras a apenas condizer com as vivências signícias já simbolizadas nesse ser?

Não remetendo a que todo indivíduo concreto interpelado pela ideologia em sujeito concreto seja igual por essência a um outrem aleatório, mas é condizente repensar então a forma que o sujeito se constitui nas sociedades abarcadas pelo modo de produção capitalista. As subjetividades, constituindo-se entre as fronteiras de complexos ideológicos dados e formações discursivas limitadoras a reprodução de certos discursos sobrepostos às bases materiais, são moldadas e sempre condizentes com os limites já dados desde antes do nascimento dos indivíduos e de suas realizações enquanto sujeitos. Sendo então dessa forma, apenas possível de pensar o sujeito através da ideologia e de seus dispositivos, como os aparelhos Estatais, no sentido de constituírem esses mesmos seres enquanto pertencentes a dada materialidade.

O SER SUJEITO E A SUA CONSTITUIÇÃO

“É condição de existência dos sujeitos e dos sentidos: constituírem-se na relação tensa entre paráfrase e polissemia.” (Orlandi, 2015, p. 35)

Tornado claro o surgimento do sujeito através da interpelação como processo transpassado por uma duplicitade em suas instâncias (aquela mais interna e a mais externa/social e dialógica), é necessário ter em vista que este ser não é vazio de conteúdo e nem tampouco de sentido, ele então baseia-se na sua percepção subjetiva quanto a certos espaços, as formas de significações de dadas vivências, e não só isso como a enunciação de discursos que partem de uma posição discursiva específica, que reside entre fronteiras resguardadas pela ideologia e atingem seus propósitos ao serem compreendidos pelo interlocutor, que em algum ponto faz parte do mesmo território de ideias, isto é, delimitado pelas mesmas fronteiras ideais.

Uma colocação de extrema importância, é pensar que da mesma forma que o sujeito surge pelo discurso (sígnico/ideológico), desenvolve-se ele por esse mesmo artefato. Por meio dos diversos diálogos que os indivíduos possuem em seus cotidianos, é inevitável a apreensão de certas formas enunciativas mais comuns, contudo, após apreender tal conteúdo, a forma que ele será guardado e mantido é através de sua significação interna, semelhante ao que Bakhtin (2016, p. 113-131) propõe quando percebe que “a compreensão não repete nem dubla o falante, ele cria sua própria concepção, seu próprio conteúdo”, nesse sentido, comprehende-se daí uma visão linguística da subjetividade individual contemplada primorosamente no conceito de estilo, a exemplo de quando esse mesmo autor trata da subjetividade sob a forma de monólogo, verdadeiros “ecos dos enunciados do *outro*”, noção também abordada por Volóchinov (2021), visto que ele a enxerga como um discurso interior e espaço do qual partiria o entendimento dos signos exteriores.

Dessa forma, destaca-se uma lógica na forma em que a subjetividade se configuraria, sendo ela formada pelos discursos adquiridos socialmente, significados internamente no momento em que se relacionam com outros signos já anteriormente apreendidos e que fazem parte da forma em que o sujeito se faz como tal e, por fim, dependendo do modo em que é valorado internamente, cristaliza-se na ampla rede discursiva que pode ser considerada como um monólogo ou apenas a subjetividade individual.

Retornando a esse espaço da interioridade individual, a atribuição de sentido a aquilo que é apreendido ocorre através de algo como uma comparação, já que as palavras não têm um sentido nelas mesmas e dependem, imaginando nesse caso o processo interno, das formas de expressões discursivas já tomadas e apreendidas. Por esse motivo que ao iniciar sua obra, Foucault (2014, p. 5) explicita que antes mesmo de expressar-se, “uma voz” o precedia, cabendo apenas “que encadeasse, prosseguisse a frase” de forma que se alojasse “em seus interstícios”. Dessa maneira, o autor indica que por trás de toda fala supostamente interior e individual, existem uma série de outras enunciações que precedem tal ato e, sendo o monólogo do sujeito também o espaço que abarca toda uma amplitude de discursos, tal fato ocorre também interiormente. A subjetividade é um recinto que abriga os ecos dos discursos já ditos e apreendidos que basearão a forma com que o sujeito se fará como tal, esses ecos garantem a interpelação em seu sentido mais interiorizado e,

enxergando o sujeito como um ponto referencial de análise, serão eles o início que, ao estarem cristalizados no discurso interno, permitem que a atribuição dos sentidos ocorra.

Pelo que foi exposto, é simplesmente inviável tentar compreender o discurso e aquele que o emite sem antes admitir que os dois se comprometem a uma relação inseparável e de completo mutualismo. Constitui-se o sujeito através das enunciações discursivas que este emite, mas não só isso como a subjetividade se efetiva unicamente pelo que se é enunciado por esse ser, o discurso. Dessa forma, tendo um olhar materialista e histórico sobre o tema, as diversas formas de se fazer sujeito observadas nas diferentes eras, encontram suas pedras basilares predominantemente nos campos dos discursos que operam em certas redes, refiro-me a esse termo devido a entender que todos aqueles dizeres em dada sociedade conversam entre si e adquirem novos sentidos e formas de serem significados, assim, tais redes existirão, portanto, sempre presente entre fronteiras.

É impossível pensar num sujeito que viveu durante o século dezenove emitindo discursos que, de uma forma ou de outra, só foram significados durante o século vinte e um. Nessa lógica, tal fronteira é não apenas temporal, mas determinada intrinsecamente pela ideologia, um exemplo disso são os estudos sobre a história da loucura e da sexualidade dirigidos por Foucault (1972) que, no primeiro volume da sua obra *A história da sexualidade*, destaca como o discurso da loucura, ao entranhar-se com aquele que o enuncia, promove um pensamento do sujeito-louco, primeiramente como um sábio e detentor de saberes divinos, e segundamente, já no século 16, como alguém a ser preso, tornado recluso e excluído da forma de sociabilidade dita como normal. Em outras palavras, a subjetivação baseia-se numa instância de atribuição de sentidos a discursos apreendidos, significados internamente na relação para com os outros já assimilados e ditos partindo sempre de uma dada posição que o sujeito assume socialmente; podendo ela ser analisada sempre na materialidade dialógica, na comunicação, e não por vias inconscientes ou que fugam dessa mesma concretude material.

A IDEOLOGIA E O SEU PAPEL NO CONTEXTO DISCURSIVO

“[...] todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes.”.
(Pecheux, 2014, p. 82)

Por fim, creio agora ser o momento de abordar a ideologia de forma mais direta, visto que já foram introduzidos os conceitos de discurso e sujeito. A ideologia não é somente algo a mais para ser analisado, mas a matriarca de todo um conjunto de noções que poderiam muito bem ser findadas em um campo próprio de estudos. Sem necessariamente repetir o que se foi dito num primeiro momento, mas tal tema adquire sua importância teórica por ser ele ser amplamente estudado desde Marx e Engels, passando posteriormente por Lenin, Lukács, Gramsci e Althusser, dentre outros diversos intelectuais.

Tendo em vista que nossa abordagem se dedicou a uma visão linguística do sujeito e, como ele tanto é sujeito por enunciar discursos quanto por sê-lo reconhecido objetivamente nesta posição, devido a isso, dedicamo-nos a, entre tantos autores, enxergar em um deles o que precisamos para entender o *ser-sujeito*. Althusser (2022) assume lugar de destaque então por dois grandes motivos, o primeiro é relacionado a ele entender que é nas ideologias representada uma conexão, acima de tudo imaginária, entre os homens e suas relações com as condições fáticas de existência, o segundo motivo já seria devido a, com excelência, ele conseguir estabelecer um lugar plano onde pode ser observada a ideologia em suas diversas efetivações, seriam esses espaços os aparelhos ideológicos de Estado. Em nenhum momento se escapa das objetivações já propostas por Marx (2019, p. 46-47) quando o mesmo pensou no vínculo entre a “reprodução material da vida” e a “produção intelectual” submetida a uma classe em detrimento de outra, contudo, o que existe então de especial é a proposição de uma dinâmica clara entre a forma sujeito e seu nascimento através do momento em que ocorre uma interpelação feita através de um conteúdo ideológico.

No entendimento que visamos nesse momento, não é valido destacar que apenas partimos desse amplo conjunto de conceituações já propostas, mas entendo que a partir disso é possível futuramente sistematizar ainda mais a ideologia dentro de parâmetros próprios da materialidade histórica e discursiva. Nesse sentido, a relação aqui assumida, partindo do materialismo marxista e do sujeito enquanto ponto referencial de análise, é a de entender a ideologia ao passo que ela está presente em

duas grandes instâncias que podem ser diferenciadas através da sua proximidade para com o sujeito material. Em outras palavras, num primeiro momento ela reside e se efetiva pelos aparelhos ideológicos de Estado, os mesmos aparelhos que são marcados pela sua perpétua intenção de dominação das práticas que marca o fazer-se sujeito ou, em outras palavras, o assujeitamento. Referimo-nos às práticas entendendo-as como uma espécie de *práxis* discursiva, em que seu controle denota diretamente o processo pelo qual nasce o sujeito, ao chamarmos tal processo de “assujeitamento”, assume-se a dupla significação desse termo, o sujeito “é sujeito de e é sujeito à” (Orlandi, 2015, p. 46).

Num segundo momento, existe ideologia no mundo dos signos, com isso partimos da tese já proposta por Volóchinov (2021), mas entendemos nela uma necessidade de acrescentar certas noções visando não cair na mera repetição. Ao pensar esse estranho mundo habitado por signos, atribuímos uma perspectiva que vai além do já proposto e encaminha-se ao pensamento da ideologia como aquela que regula uma série de atos, potencialidades e oportunidades do que pode ou não ser dito e como pode ou não ser significado. Em outras palavras, assumo a ideologia como uma série de fronteiras que demarcam até onde redes discursivas (rede no sentido de um conjunto de formações que seguem um mesmo propósito) podem se expandir, como serão elas significadas sempre objetivando um propósito e como essa demarcação fronteiriça representa, em última instância, uma relação que implica diretamente no poder; aquele poder exercido, aceito e validado; o poder que explica o fato do processo de assujeitamento possuir essa clara duplicidade de significações, o sujeito de algo e o sujeito a algo.

O poder, aqui assumido, será aquele visto e estudado por Foucault (2022). Ao atribuir, portanto, essa noção a esse autor em específico, visamos suceder na tentativa de não atribuir um caráter problemáticamente moral a esse princípio. Não conferimos ao *poder* um peso de mal ou algo a ser combatido, o poder, ao passo de ser um signo não preocupado necessariamente a se manter vinculado diretamente com a materialidade por laços tão aparentes, possui essa habilidade de englobar em si percepções amplas. O poder é aquele que limita, contudo, é também aquele que possibilita novas criações, de certo que presentes dentro de fronteiras claras, mas ainda criações que em dados momentos superam as intenções da ideologia enquanto detentora de objetivos claros de manutenção do poder como pertencente a uma só

classe. O poder, em suas diversas formas de se apresentar, será trazido às claras sempre que discursos forem usados para interpelar indivíduos concretos em sujeitos concretos, pois, como dito antes, o sujeito é também aquele que assujeitasse a algo e a alguém.

Em síntese, assume-se aqui dada concepção de ideologia que beira uma completa onipresença em relação aos espaços que ela ocupa na sociedade, encontra-se ela em tudo que foque na enunciação de discursos, na intencionalidade de determinadas enunciação e a que propósito atende essa enunciação, em suma, todo ato que contemple um dialogismo em si, uma relação comunicativa que abarca diferentes discursos, a ideologia estará presente. O discurso então é uma instância material da ideologia ocorrida entre sujeitos. Nesse sentido, sistematizando ainda mais as formas que a ideologia assume na realidade concreta, é a ideologia vista de maneira completamente material nos aparelhos do Estado, e, em relação a essa primeira instância, menos materialmente enquanto gestora das relações estabelecidas entre formações discursivas em uma dada sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pondo a conclusão em vista, esse presente trabalho objetivou uma apresentação introdutória de todas as temáticas expostas, contudo de maneira crítica e respeitável. Faz-se necessário então trazer à tona as noções que amplamente, partindo dos autores creditados, se encarregam de demonstrar a intenção dessa presente obra, que é a de não só abordar, mas apresentar novas colocações e teses que possibilitem a abertura de conversações que levem, por fim, a conclusões que permitam a expansão dos assuntos analisados. Podemos elencar as teses da seguinte forma:

O ato do interpelar não se remeteria a tão somente uma identificação-reconhecimento de um indivíduo para com outro através da ideologia, contudo, também se revelaria no que ocorre de forma interna em um primeiro momento e depois que se estabeleceria no âmbito já explorado por Althusser (2022) e Pêcheux (2014). O reconhecimento interno de um discurso (e consequentemente daquele que diz esse discurso), uma auto interpelação, é o primeiro estágio para se pensar no reconhecimento externo e na atribuição de sentido ocorrida da relação estabelecida

entre signos que em um dado tempo eram completamente externos, mas em outro momento são apreendidos e significados através de outros.

Faz-se necessário tomar a subjetividade enquanto na materialidade da *práxis* discursiva, e, portanto, ela não se encontra numa suposta unicidade de cada psiquê em comparação a outra, baseada num obscuro e inalcançável inconsciente idealizado como âmbito de perversões e desejos, e sim nos aspectos discursivos que marcam a construção de cada sujeito enquanto tal. A subjetividade torna-se então nas redes de contato entre grupos de discursos organizados e já apreendidos. Dessa forma, pode-se explicar o porquê da ideologia material (aquele achada nos aparelhos ideológicos de Estado) se dedicar ao controle das práticas discursivas, pois tão somente assim dominam-se as formas de subjetivação.

A ideologia deve ser entendida enquanto traço existente tanto material quanto significamente, demandando-se uma análise que a explice nessa ambiguidade de espaços de efetivação. Não repetindo a noção de Pêcheux (2014) sobre uma ideologia empírica e uma ideologia necessária para a prática política, mas preferimos ainda partir de dois autores que mais estabelecem vínculos teóricos com este presente trabalho, Volóchinov (2021) e Althusser (2022). Nesse sentido, objetivamos a dupla existência da ideologia apenas como instâncias de um mesmo objeto, instâncias tão intrinsecamente unidas que não devem ser compreendidas como duas ideologias existentes, mas momentos de uma mesma coisa, seriam estes aquela que habita e efetiva-se nos aparelhos ideológicos de Estado e a responsável por tanto limitar a expansão das redes discursivas quanto gerir a forma que discursos serão significados em prol de um mesmo objetivo.

Nessa lógica, creio poder indicar que este trabalho visou o apontamento dessas objetivações expostas sempre tendo em mente o devido embasamento em intelectuais que, de alguma forma ou de outra, já faziam parte integrante de nossas visões enquanto autores. Em suma, pensamos ser essa uma obra introdutória a um diálogo que demanda ser urgentemente ampliado devido a sua importância, que transcende e estabiliza-se em diversas áreas do conhecimento a um mesmo tempo. O discurso, o sujeito e a ideologia são as chaves para que se possa entender as atuais sociedades capitalistas sempre por uma ótica que as tratem como parte de estruturas complexas rodeadas de determinações e contradições econômico-políticas.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2022.
- AMARAL, A. J. S.; LOPES, M. Da análise automática do discurso à teoria materialista dos processos discursivos: um percurso histórico. **Revista Investigações**, Recife, v. 32, n. 2, p. 479–506, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/241761>. Acesso em: 13 out. 2025.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BASTOS, Alexandre. **Discurso, ideologia e sujeito: tensionando fronteiras**. Leitura, Maceió, p. 71–92, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade. v. 1: A vontade de saber. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2022.
- GRIGOLETTO, Evandra. **A noção de sujeito em Pêcheux**: uma reflexão acerca do movimento de desidentificação. Estudos de Língua(gem): Michel Pêcheux e Análise de Discurso, Vitória da Conquista, ed. 1, p. 61–67, 2005. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/978>. Acesso em: 13 out. 2025.
- MARX, Karl. **A ideologia alemã**. Rio de Janeiro: Vozes, 2019. Acesso em: 13 out. 2025.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro II: O processo de circulação do capital. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2014.
- MOREIRA, Vinicius. **Análise do discurso**: conceitos fundamentais de Michel Pêcheux. 1. ed. Mauá, SP: Edição do próprio autor, 2017. Acesso em: 13 out. 2025.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. 12. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

SANTOS, Kátia. Sujeito e subjetividade na Análise de Discurso pecheutiana. **Revista Porto das Letras: Estudos da Linguagem**, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 90–108, 2019. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/download/6859/15738/34407>. Acesso em: 17 out. 2025.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2021.